O.PINIÃO

Editorial

PAZ NA ESCOLA

Pesquisa feita pela Universidade Federal do Paraná com estudantes do ensino fundamental e médio de quatro cidades brasileiras, inclusive Governador Valadares, em Minas Gerais, verificou que 66% dos alunos disseram ter sofrido ou cometido agressões contra colegas nos últimos seis meses. Em Belo Horizonte, a Secretaria Municipal de Educação contestou o dado, afirmando que aqui o índice não passa de 20%.

O problema é generalizado no país e até no exterior. O cinema norte-americano produziu vários filmes sobre a violência na escola. Esta não se manifesta apenas entre alunos, o que poderia ser interpretado como consequência de rivalidades exclusivamente juvenis, mas também contra professores e o próprio estabelecimento escolar. Não pode ser ignorada também as ações praticadas pelos próprios professores.

A questão parece ter origem externa à escola. Certamente provém da sociedade, em especial da família, que há tempos, por força da excessiva liberalização de nossos costumes, não está dando conta de transferir valores morais como respeito e disciplina a seus descendentes. Essa má formação se manifesta na escola, que é o espaço de convivência imediato em que se opera a socialização do indivíduo.

Sem estar preparada para isso, a escola se ressente da pressão dessa demanda, maior nas instituições públicas, por causa da democratização do ingresso e da heterogeneidade do corpo discente. As consequências são a má qualidade do ensino e a violência, esta concretizada em agressões, ameaças, roubos, assédios, maledicências etc, que vitimam sobretudo aqueles indivíduos mais frágeis, como as mulheres e os mais novos.

A competição na sociedade contaminou a escola. É preciso trabalhar no sentido de fazê-la retornar à sua função original. As atividades extraclasse podem ser um caminho. Em Brasília e São Paulo, estão sendo restaurados os grêmios estudantis. Talvez assim possam ser criados ambientes de confraternização e colaboração, como ocorre hoje em muitos locais de trabalho.

SEMPRE EDITORA LTDA

FUNDADOR Vittorio Medioli
PRESIDENTE Laura Medioli
VICE-PRESIDENTE Luiz Alberto de Castro Tito
DIRETOR EXECUTIVO Teodomiro Braga
DIRETOR FINANCEIRO Marcos de Oliveira e Souza

GERENTE COMERCIAL Rodrigo Simões
GERENTE DE CIRCULAÇÃO E ASSINATURAS Ricardo Botelho
GERENTE INDUSTRIAL Guilherme Reis
GERENTE ADMINISTRATIVO E FINANCEIRO Walmir Prado
GERENTE DE MARKETING Alessandra Soares
CONSULTOR DE TECNOLOGIA Marco Guinter

EDITORA GERAL Lúcia Castro
SECRETÁRIAS DE REDAÇÃO Michele Borges da Costa, Regiane Marques Sampaio
CHEFE DE REPORTAGEM Ricardo Corrêa
EDITORES
Primeira Página: Denner Taylor;
Opinião:Victor de Almeida;
Economia: Karlon Aredes;
Política: Carla Kreefft;
Magazine: Silvana Mascagna;
Fotografia: Leonardo Lara
Brasil/Mundo: Carla Chein
Esportes: Rogério Tadeu
Cidades: Robert Wagner

Duke

FÁTIMA OLIVEIRA
Médica
fatimaoliveira@ig.com.br

Por que insisto que é ético respeitar as outras medicinas?

O caso da menina tukano, picada por uma cobra jararaca

"Minas são muitas." Como Minas, as medicinas são muitas. Para Carlos Drummond de Andrade, "Minas não é palavra montanhosa/É palavra abissal". Eu acho que medicina é uma palavra abissal. Trago à baila Guimarães Rosa, que complementou Drummond: "Minas são muitas. Porém, poucos são aqueles que conhecem as mil faces das Gerais". A MPM Minas criou uma belíssima campanha de turismo: "Minas são muitas. Quantas você conhece?" www.youtube.com/watch?v=WzJoZhL7MI4.

A comparação do que disseram o poeta e o escritor sobre a multiplicidade de Minas com a medicina ocorreu-me após ler duas notícias que circularam no último fim de semana. Na reportagem "O recado de Obama", Jorge Felix fala sobre o primeiro discurso do presidente no Congresso, em 24 de fevereiro passado: "Presidente promete cura para a crise e para o câncer" ("IstoÉ" nº 2.051). Mariana Sanches, na reportagem "Juntos, médicos e pajé evitam amputação", descreve a junção dos saberes da alopatia com os da medicina indígena ("Época" nº 563).

Sobre Obama ter prometido a cura do câncer, espero que ele se empenhe. Em outras palavras: a cura do câncer talvez seja encontrada mais rapidamente se a medicina ocidental buscar parcerias respeitosas com as outras medicinas, reconhecendo os saberes que elas portam. Parece complicado, mas um caminho talvez seja parafrasear a campanha mineira de turismo: "Medicina são muitas. Quantas você conhece?"

O caso narrado por Mariana Sanches eu acompanho desde que li um artigo imperdível do professor José Ribamar Bessa Freire: "Médicos, pajés e rezadeiras", do qual transcrevo um trecho: "O que aconteceu, afinal, com LB, a menina tukano de 12 anos, que foi picada por uma cobra jararaca, quando pescava, no início do mês, em Pari Cachoeira? De lá até Manaus são mais de 1.100 km, e sete dias de barco. Dois dias depois, ela já chegou a São Gabriel da Cachoeira, com sinais de necrose". Em 14 de janeiro, foi encaminhada para o hospital João Lúcio, em Manaus, onde os parentes dela não concordaram com a indicação médica de amputação do pé esquerdo. Propuseram um tratamento que combinasse medicina ocidental e rituais de pajelança da medicina indígena, assim como restrições alimentares; proibição de acesso ao local de gestantes e de mulheres no período menstrual. O hospital não aceitou.

> "A medicina ocidental realizou conquistas admiráveis, mas se não reconhecer outros conhecimentos, vai continuar decepando pernas e braços"

"O tio da menina, João Paulo Barreto, invocou o artigo 213 da Constituição, que reconhece aos índios seus costumes, línguas, crenças e tradições. O Ministério Público recomendou, então, um tratamento combinado da medicina indígena com os métodos convencionais" (Bessa Freire). A procuradora federal Luciana Gadelha foi magistral: "Eu entendi o apelo do pai da criança. Se tivesse um filho com recomendação de amputação, gostaria de consultar outros médicos. Eles queriam consultar os seus sábios". O médico Joaquim Alves disse: "Não sei o que fazer se, como cirurgião, digo que um pé precisa ser amputado para evitar infecção generalizada e o pajé me diz que pode curá-lo com unguento. É fato que a menina está melhorando, mas como saber se isso é efeito dos rituais ou mera coincidência?"

Respondo recorrendo a Bessa Freire: "A medicina ocidental realizou conquistas admiráveis, mas se não reconhecer outras formas de conhecimento, vai continuar decepando pernas e braços que poderiam ser, algumas vezes, preservados. A boçalidade ocidental confunde os saberes indígenas com crença absurda, superstição, folclore, exotismo".

DUKE